

Gaúchos resgatam médico de família

Porto Alegre — Fotos Mauro Mattos

Sandra Rodrigues

PORTO ALEGRE — Sem usar jaleco e sentado ao lado do paciente, o médico conversa longamente, um diálogo de velhos amigos. Esse é o quadro das consultas nos quatro postos do Serviço de Medicina Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição, de Porto Alegre, três deles instalados em vilas pobres e outro no próprio hospital, na Zona Norte da cidade. O serviço, que completa dez anos no próximo mês, é uma iniciativa pioneira no país e resgata a filosofia do médico de família.

Os postos atendem a uma clientela estimada em 70 mil pessoas das zonas abrangidas por cada unidade, promovendo a medicina curativa e preventiva em programas de precauções contra o câncer ginecológico, pré-natal, hipertensão, atenção à criança e métodos anticoncepcionais. O controle é rigoroso. Quando alguma pessoa não aparece para medir a pressão arterial ou a uma reunião, um médico ou enfermeiro vai até a sua casa para saber as razões da falta.

A proximidade geográfica e a cumplicidade do paciente com o médico fazem com que surja a confiança e a humanização do serviço. "Quando caminho na vila, as crianças enroscam-se nas minhas pernas e todos me cumprimentam e oferecem um cafezinho ou um copo d'água", conta o médico Marco Aurélio Albuquerque, 31 anos, que há quatro anos atua no posto da Vila Divina Providência.

Apesar da criminalidade do lugar, ele assegura que nunca alguém do posto foi molestado ao circular entre os casebres. Num caso recente de roubo de um estetoscópio, a própria comunidade fez o ladrão devolver e pedir desculpas ao médico.

Não há filas nos postos, as pessoas marcam hora com seu médico preferido, os casos de urgência são atendidos imediatamente e os médicos vão até à casa do paciente, mesmo para pequenas cirurgias. O coordenador do serviço, Carlos Grossman, 62 anos, um clínico que se divide entre o consultório particular e a medicina comunitária, assegura que de 90% a 95% dos problemas de saúde são resolvidos pelos médicos generalistas. Nos casos mais graves, a pessoa é atendida por um especialista nas áreas de ginecologia, pediatria e cirurgia que vai regularmente ao posto ou é encaminhada aos hospitais do Grupo Conceição.

Essa prática desafoga o atendimento nos setores de emergência nos hospitais, reduz o número de internações e deixa leitos vagos para os casos realmente necessários. "O sistema de saúde no Brasil é irracional", critica Grossman, lembrando que 80% dos casos atendidos no setor de emergência do Hospital Conceição, por exemplo, não são de emergência, embora sejam problemas agudos que poderiam ser solucionados num posto próximo à casa do paciente. "Por isso há o mau atendimento e a morte de pessoas nas filas".

Os 30 médicos que atendem nos postos numa jornada de oito horas diárias são generalistas, todos com no mínimo dois anos de residência específica



Vera Ribeiro elogia a atenção dada a toda a família



Carlos Grossman e Carmem Luísa coordenam a assistência

em medicina comunitária no Hospital Conceição e treinados para atender os casos mais frequentes de enfermidades de adultos e crianças. O serviço é feito nos moldes da assistência médica da Grã-Bretanha, onde 50% dos 1.300 médicos formados anualmente são generalistas para uma população de 56 milhões de habitantes. A economicidade do sistema é medida em estatísticas dos países desenvolvidos: o custo de saúde *per capita* na Grã-Bretanha é de US\$ 711, enquanto nos Estados Unidos é de US\$ 1.926 e no Canadá é de US\$ 1.730.

Nos postos do serviço também atuam enfermeiros, auxiliares de enfermagem, dentistas, assistentes sociais e agentes de saúde, estes escolhidos na comunidade e treinados para executar tarefas de prevenção, como controle de vacinação e

pequenos curativos. No total, são 70 funcionários mantidos pelo Grupo Hospitalar Conceição, um conglomerado de quatro hospitais cujo maior acionista é o Ministério da Saúde.

O diretor-superintendente do grupo, Telmo Weber, assegurou a continuidade do serviço, apesar das dificuldades financeiras da sociedade. Mas não pode prometer a instalação de outros postos em 10 comunidades interessadas. A expansão, mesmo com a oferta de US\$ 1 milhão em *know-how* por parte da Fundação AIM da Grã-Bretanha — cujo objetivo é criar modelos de saúde em todo o mundo —, não sensibilizou nem o governo estadual nem o Ministério da Saúde. Para Grossman, "falta vontade política para implantar o modelo que seria a resposta adequada para os problemas de saúde nacionais".